

PRESSÃO POR CURSOS PAGOS NO IQ

Almir Teixeira e Renata Menezes
Equipe da Revista Adusp



Com cerca de 16 horas de duração, os “minicursos” pagos oferecidos no IQ por sociedades de química são poucos e não têm periodicidade certa. Mas alguns docentes da unidade articulam a criação de uma fundação privada

Os cursos pagos de curta duração que têm lugar nas dependências do Instituto de Química são oferecidos pela Associação Brasileira de Química (ABQ) e pela Sociedade Brasileira de Química (SBQ), entidades que têm subsedes no IQ. Os cursos não são periódicos e não chegam a afetar a vida da unidade. A situação pode mudar, pois alguns professores articulam a criação de uma fundação privada no IQ.

Os cursos das entidades ainda não foram oferecidos em 2002. A ABQ, que em 2001 realizou três cursos pagos, não tem previsão para 2002. “Se houver alunos vamos ministrá-los. Nossa intenção é que as pessoas tenham chances de aprender”, explicou Ivano Gutz, professor do IQ e vice-presidente da ABQ em São Paulo.

“São cursinhos rápidos de aperfeiçoamento em uma única disciplina ou tema bem específico da química, o que é interessante para o profissional”, explica Dirce Campos, diretora-executiva da SBQ em São Paulo. Os organizadores pretendiam implantá-los no segundo semestre do ano, o que dependeria da procura.

O professor Tibor Raboczkay, porém, considera existir muita procura por cursos desse tipo, os quais, na sua opinião, podem servir de “ponte” entre o IQ e a sociedade: “Vem muita gente da indústria procurando o IQ para fazer reciclagem. Isto é bom porque eles acabam trazendo os problemas da indústria para a universidade.”



Professor Comasseto

Ele considera que há “demanda interna e externa” para a criação de uma fundação, e acrescenta que docentes já estão colhendo assinaturas de colegas para instituir uma organização desse tipo. A demanda interna estaria ligada ao interesse por remuneração adicional: “Se a universidade continuar dando espaço para fundações, mais cedo ou mais tarde o IQ vai criar também sua fundação. Existe um movimento para que se crie uma fundação no Instituto. Esses cursos enquanto organizados pelas associações são inócuos. A cessão do espaço é apoiada pela comunidade”.

Apesar do diagnóstico, e de entender que “nunca podemos pensar que o setor produtivo seja algum tipo de vilão, temos de trabalhar com ele para gerar verbas para a instituição”, o professor Raboczkay faz uma advertência. “O perigo é quando o tempo do docente passa a ser muito tomado pelas atividades junto a fundações. O que torna produtiva a universidade pública é que há uma boa flexibilidade em termos de uso do tempo dos docentes. Usa-

se para atender alunos, fazer cursos para a terceira idade etc.”

Um dos defensores da existência de uma fundação no IQ é o professor João Valdir Comasseto, que expressa com muita clareza seu ponto de vista: “Cursos dados a empresas deveriam ser cobrados. Sou contra a isonomia. Sempre fui. Nos meus 20 anos de USP eu administrei projetos no valor de 6 milhões de dólares e nunca recebi um tostão. Com as fundações, você tem uma porcentagem que vai para os professores”. Segundo o professor Comasseto, a qualificação dos professores contratados está deixando a desejar, em função dos baixos salários. “Os três melhores orientandos meus estão trabalhando em empresas privadas. Hoje as pessoas de ótimo nível não ficam na universidade”.

Ele também diz querer maior agilidade administrativa: “Seis meses atrás recebi uma verba da Pró-Reitoria para a compra de um scanner. Só hoje recebi a resposta de que posso comprar”. O professor Comasseto considera, no entanto, que seria preciso mudar a

estrutura da universidade. “Quando penso em fundações, penso numa forma de agilizar os trabalhos da Universidade. A fundação é boa para corrigir a estrutura rígida da Universidade, mas é uma saída imediatista”.

O diretor do IQ, professor Hernan Chaimovich, admite a existência de “uma pressão muito grande aqui para a gente oferecer cursos pagos”, mas não inclui fundações nos seus planos: “O Instituto só vai oferecer estes cursos se for realmente necessário e se estiver tudo legal. Não pretendemos fazer a administração destes cursos com nenhuma fundação. Estou conduzindo uma discussão sobre a implantação destes cursos, mas por enquanto a gente não tem nenhum projeto, não sei nem se eles vão existir... quem sabe.”

O diretor pretende aumentar a “parceria” com as entidades profissionais. “Posso adiantar que a SBQ e ABQ têm colaborado com o Instituto, não com muito dinheiro, mas temos uma relação de parceria muito boa. Tomei posse no dia 15 de maio, então não posso dizer sobre estes cursos. Não tenho os valores dos cursos anteriores, mas posso garantir o que vai ser feito daqui para a frente”, diz o professor Chaimovich. “Pretendo oferecer cursos, sobretudo não pagos, aqui no Instituto. Sabemos que alguns terão que ser cobrados porque não temos dinheiro, o Instituto está bem pobrezinho.” Os cursos pagos, quando houver, “vão passar por caminhos normais e o dinheiro recolhido por eles vai estar muito

claro e cristalino, disponível até na Web”, assegura.

A SBQ, que ficou dois anos sem oferecer cursos pagos, está lançando agora um “banco de cursos” que reúne pesquisadores de todo o Brasil. Os cursos aprovados serão oferecidos de acordo com a disponibilidade do ministrante e o interesse dos solicitantes. “São cursos itinerantes, poderão acontecer aqui na USP, como também em qualquer outro lugar do Brasil em outra subsele da sociedade”, informa a diretora da entidade. Os valores arrecadados cobrirão os

*Diretor
admite haver
“grande pressão”
por cursos pagos no IQ,
mas diz não cogitar
de fundações*

gastos com os professores, passagens, material didático e, garante a representante da SBQ, a remuneração do Instituto pela cessão do espaço para aulas. “Se utilizarmos a USP, a gente vai pagar pelo espaço. Estamos sempre colaborando com a faculdade porque estamos utilizando suas instalações”, diz Dirce Campos.

Quanto à ABQ, nos últimos anos a procura por seus cursos foi muito pequena, porque outras entidades e empresas começaram a implan-

tá-los. Em 2001, as salas tinham de oito a 20 alunos, metade dos quais estudantes. O valor cobrado para não sócios da associação foi de R\$ 320,00, para sócios R\$ 160,00 e R\$ 80,00 para estudantes. Para as empresas que mandavam seus funcionários o valor foi de R\$ 240,00.

As quantias recebidas cobriram despesas com material didático, apostilas e pagamento de professores, havendo também repasse para o IQ. “Estamos sempre colaborando com o IQ, independentemente de ter cursos pagos ou não”, garante o professor Gutz. Ele observa que todo ano a associação faz um congresso em um Estado brasileiro e os cursos são oferecidos durante o congresso a preços simbólicos, cerca de R\$ 20,00. “Queremos fazer crescer a Química e não a verba da ABQ”, brinca.

“Como estas entidades utilizam o espaço do IQ, muitas vezes, quando há necessidade de custear uma atividade acadêmica ou esportiva que o IQ promove, elas têm tradicionalmente colaborado com as despesas”, informa o ex-diretor da unidade, professor Paulo Sérgio Santos. “Somando todas as contribuições das três entidades, ABQ, SBQ e SBPQ (que não promove nenhum curso) que têm subsele no IQ, chega-se a um total de R\$ 4.000,00 a R\$ 5.000,00 por ano. No ano passado, por exemplo, este dinheiro foi utilizado na festa de premiação da Olimpíada Brasileira de Química, que tem apoio destas entidades, no Interquim, Encontro Nacional de Estudantes de Química e em outras atividades acadêmicas que temos aqui”.